



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

FERRÉZ, ALLAN ROSAS E LUIZ RUFFATO – LITERATURA PERIFÉRICA; DE OBJETO PARA SUJEITO DISCURSIVO

Maria Cristina Amorim Parga Martins (Puc-rio)

Orientador: Frederico Coelho/ Co-orientadora: Eneida Leal Cunha

Resumo:

Este trabalho explora o universo narrativo de Luiz Ruffato, Allan Rosas e Ferréz a partir do conceito de “cosmopolitismo do pobre” e de “entre lugar”, cunhados por Silviano Santiago. O objetivo é pensar como, com todas as dificuldades e resistências, essas vozes tradicionalmente periféricas – ou como diz Stuart Hall, esses “Outros”, cuja representação se baseia em estereótipos que fascinam a cultura hegemônica – têm conquistado o seu lugar na Literatura nacional. Conquistar aqui, significa ganhar a palavra. Um movimento em sintonia com o pensamento de autores como Appadurai, que designa as novas cartografias pós-nacionais marcadas pela multiplicação das novas mídias e das novas formas de circulação de indivíduos; Homi Bhabha, que alerta para um “terceiro espaço” aberto pela temporalidade não sincrônica entre as culturas locais e globais; Appiah, e a ideia de que esse novo “cosmopolitismo”, mais do que uma resposta, é um desafio – que exige a integração da Alteridade sem tentar domesticá-la ou diluir suas diferenças. Nessas novas cartografias pós-nacionais, marcadas tanto pelo “cosmopolitismo do pobre”, pela profusão de novas mídias e facilidade de circulação de indivíduos, culturas antes à margem penetram no centro e abrem fissuras, fazendo circular “novas” vozes – como a de Ferréz e Allan Rosas – criando um novo lugar – um entre-lugar, como conceitua Silviano Santiago.

Palavras-chave: literatura marginal. Cosmopolitismo do pobre. Entre-lugar. Novas cartografias pós-nacionais. Literatura nacional. Cânone.

Na literatura brasileira, há um movimento recente em que os que estavam à margem começam a levantar a voz e ganhar um espaço próprio na literatura e, portanto, politicamente. Pequeno, ainda, se compararmos com a intelectualidade de classe média alta e branca em termos de representatividade – mas que vem tateando e abrindo fissuras para falar com a própria voz. Se antes o povo da periferia era descrito de longe pela sensibilidade de autores de classe-média alta branca, na literatura de Allan Rosas e Ferréz o povo à margem toma a voz e fala sobre si próprio, sobre sua própria realidade e a partir da própria perspectiva.

Esse movimento, como mostrarei mais à frente, está longe de ser apenas

nacional. Ele está em sintonia com o pensamento de autores como Appadurai, que designa as novas cartografias pós-nacionais marcadas pela multiplicação das novas mídias e das novas formas de circulação de indivíduos; Homi Bhabha, que alerta para um “terceiro espaço” aberto pela temporalidade não sincrônica entre as culturas locais e globais; Appiah, e a ideia de que esse novo “cosmopolitismo”, mais do que uma resposta, é um desafio – que exige a integração da Alteridade sem domesticá-la.

Adiante, com Silviano Santiago, analiso como a intelectualidade brasileira silenciou as vozes periféricas, sejam de índios, mulheres, negros, pobres e cuidou de representá-las a seu modo. Veremos como quem está fora do circuito do poder vira objeto, sendo tratado, “traduzido”, categorizado, estereotipado para ser “compreendido”. Ao não existir como sujeitos discursivos, a periferia não tem representação própria, não consegue reivindicar o que lhe faz falta, nem ser ouvida numa posição de simetria com a maioria dentro da sociedade.

Em seguida irei abordar como uma nova geração de autores periféricos lançou um sopro de ar fresco nesse panorama rígido, conseguindo abrir rachaduras dentro do meio literário brasileiro e ganhar representatividade. O que, seguindo o pensamento de Appadurai, é um movimento natural no mundo das novas cartografias pós-coloniais. Com a ajuda de Appiah, analisarei como esse movimento pode ser visto não como ameaça, mas como uma potência, algo que pode enriquecer - e muito a cultura.

Espaço literário brasileiro: elitista, assimilador de diferenças

Ao analisar a autobiografia Joaquim Nabuco, Silviano Santiago destaca como este intelectual do início do século XX “reflete sobre o modo como o brasileiro, caso perca a minoridade política, pode transformar-se em sujeito da história nacional, embora ainda fique sujeito à formação ministrada pela Europa moderna e à dependência da cultura ocidental.” (SANTIAGO, 2011, p. 2). A situação, até 1980, pouco mudou. Em Vale quanto pesa, Santiago cita a proporção de 60 mil leitores para 110 milhões de brasileiros (levantada em 1970 e retomada por Carlos Guilherme Motta em 1977) e afirma que é a partir dessa assimetria que podemos começar a pensar o livro, o leitor e seus autores no Brasil. “De imediato, fica excluída a possibilidade de desvincular o leitor de ficção de um cosmopolitismo cultural burguês, já que ele vem mantendo contato direto e duradouro com os clássicos do gênero tanto estrangeiros quanto nacionais.” (SANTIAGO, 1982, p. 25). E continua:

os estudos críticos sobre obras brasileiras não conseguem apreender a qualidade da ficção brasileira em si. Procuram, nos trabalhos tradicionais, rastrear as influências estrangeiras sobre o autor e a obra e, nos trabalhos acadêmicos recentes, configurar os intrincados caminhos da dependência cultural. (SANTIAGO, 1982, p. 26).

Reconhecimento do Outro periférico por assimilação

A reflexão de Silvano Santiago a respeito do cenário literário burguês- elitista que dominou o nosso país até o início dos anos 1990 dialoga com as preocupações da autora indiana Gayatri Spivak, expostas em 1976 no prefácio da tradução para o inglês de *Gramatologia*, de Derrida. No texto, a autora alerta para a necessidade de desafiar os discursos hegemônicos e também as nossas próprias crenças como leitores e produtores de saber e conhecimento, tentando produzir um discurso crítico sobre sociedade e cultura que busque influenciar e alterar a forma como apreendemos o mundo contemporâneo.

Transitando por várias áreas de conhecimento, a autora sustenta a necessidade de refletirmos sobre uma questão fulcral nos estudos pós-coloniais: o subalterno, como tal pode, de fato, falar?¹

Silvano Santiago alerta que, para sair desse “círculo vicioso” de uma literatura feita pela elite e para a elite, seria preciso “um novo e diferente romancista. Um romancista que possa propor reflexões a camadas sociais diferentes. Mas, para isso, é preciso primeiro que esse indivíduo possa se alçar à condição de leitor ou à de romancista”.

Anos 90: a periferia deixa de ser objeto e ganha voz como sujeito discursivo

No Brasil, uma geração antes à margem tem forçado fissuras e assim rompendo as barreiras rígidas do espaço literário nacional, surgindo na literatura não mais como objeto, e sim como sujeito discursivo. Segundo Paulo Tonani Patrocínio, desde meados da década de 1990, muitos autores marginalizados têm “selado a brancura das páginas com caracteres negros”.

¹ É de se salientar que Spivak rejeita o que considera uma apropriação errônea do termo subalterno, que não se refere a qualquer sujeito marginalizado e sim, àquele cuja voz não pode ser ouvida. Ou seja, “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

São sujeitos periféricos que romperam a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação. A presença desses autores em nossas séries literárias não pode ser lida como um dado isolado, mas sim como a conformação de um grupo específico que deseja se fixar no seio de uma estrutura hegemônica. (...) São agora os próprios marginais que buscam representar o cotidiano de territórios periféricos, resultando em uma escrita de alto teor testemunhal. (PATROCÍNIO, 2013, p. 12)

O marco inaugural simbólico para esse movimento foi a publicação em 1997 de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins – a primeira experiência literária de sucesso de um autor que utiliza a própria vivência à margem – a possibilidade de narrar os fatos a partir da experiência de ex-residente da favela – para produzir um discurso que une testemunho e ficção. Esta trilha vem sendo percorrida com as narrativas de outros autores oriundos da periferia, como Ferréz e Allan Santos da Rosa e Luiz Ruffato, um caso à parte por não vir da periferia mas não reproduzir essa literatura elitista hegemônica, como explicarei depois.

Ferréz² é autor de romances como *Capão Pecado* (2000, reeditado em 2013), *Manual prático do ódio* (2003) e *Deus foi almoçar* (2012). Segundo Paulo Tonani Patrocínio, seu êxito deve ser medido, “não apenas na expressiva vendagem de seus livros, fator que revela o alcance do seu discurso, mas, principalmente, em sua contribuição na formação de um grupo de autores da periferia, a chamada Literatura Marginal”³. Afinal, o morador de Capão Redondo, na periferia de São Paulo, foi responsável pela organização de três volumes especiais da revista *Caros Amigos* dedicados à produção literária da periferia: *Caros Amigos/Literatura Marginal – a cultura da periferia*, publicado em livro organizado por Ferréz, em 2005.

Em 2008, o autor lançou também a Editora Marginal/Selo Povo, uma editora independente, comprometida com a publicação de autores periféricos e cuja comercialização é feita a preços populares. Ainda segundo Paulo Tonani Patrocínio, “Ferréz (...) é exemplo mais bem-sucedido desse empenho em estruturar um discurso a partir do próprio referencial, formando uma compreensão das fraturas marginalizadas da sociedade fora dos espaços de saber e poder”.⁴

Allan Santos da Rosa

² (pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva)

³ (PATROCÍNIO, 2013: 14)

⁴ (PATROCÍNIO, 2013, p. 14)

Já Allan Santos da Rosa é um escritor de produção literária plural, que abarca prosa, poesia e dramaturgia, sempre representando o cotidiano de sujeitos periféricos. É autor de *Vão* (2005) *Morada* (2007); *Da cabula* (2006) e *Zagaia*. Como Ferréz, também é o idealizador de uma editora dedicada exclusivamente à publicação de autores da periferia – a Edições Toró. Em vez de apenas analisar sua prosa crua e impactante, prefiro dar a palavra ao autor, transcrevendo um excerto do conto “Pérola”, no qual, com um *timing* excepcional, narra a longa e tensa trajetória de uma mãe que sai de casa para visitar o filho no presídio:

Lentamente avançam. Chega o momento de cruzar a primeira tranca, mas ainda não há alegria. A arrogância dos coletes pretos, menos de uma, a Val: brava, firme, filma e não menospreza. Analisa os perrengues, ameniza o arrepio. É a vez de guardar o que não vai entrar, para retirar à tarde. “É agora, inda dá. Ou deixo o badulaque aqui ou seja o que Deus mandar”. Os homens comentando o manual, aqueles navios do Corinthians, aquelas molduras de foto, botando fé pra regenerar. Um maluco solta: “Ah, vai garantir futuro de detento em cola e palito de fósforo?” As meninas se aprumando no batom, pra visita íntima. Uma última prosa arrastada antes da revista. Pérola ouve sobre o pai que levou bagulho pro moleque e ficou guardado. Morde o lábio e o segredo. (ROSA In. FERRÉZ, 2005, p. 98)⁵

Ruffato

Luiz Ruffato não nasceu numa favela nem na periferia; é oriundo de uma pequena cidade do interior de Minas, que, contrariando o script que o faria buscar um ofício mais comum na região, como o do pai, pipoqueiro, torna-se escritor. Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, narra a trajetória de imigração de Serginho, que sai da pequena Cataguazes cheio de sonhos e aterrissa numa Lisboa diferente daquela dos cartões-postais.

A cidade que encontra se choca com o que esperava, mas também, com o imaginário que fazemos de uma Lisboa romântica, aprazível. Para Serginho, ou para qualquer imigrante que chega numa cidade pertencente às “novas cartografias pós-nacionais”, conforme Appadurai – caracterizadas pelo avanço das novas mídias e das novas formas de circulação de indivíduos devido à diáspora, novos fluxos de imigração econômica e turismo – essa é uma cidade agressiva, que esconde, em suas imbrincadas ruelas, ladeiras e códigos linguísticos, numerosas armadilhas.

Lisboa aqui é cenário de tropeços e choques culturais, ilusões perdidas, tristes

⁵ In: Ferréz (Org). *Literatura marginal – talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

constatações a respeito da vida difícil do pobre e imigrante, seja na sua terra natal ou em outro lugar.

Ao longo das passagens tragicômicas da vida de Serginho, o escritor sai de cena para deixar o sotaque, as gírias, as confusões linguísticas e sociais do personagem tomarem a página. A narrativa, ao incorporar esse léxico feito de novas palavras e verbos, espelha as mudanças que o deslocamento da pequena cidade mineira para a metrópole estrangeira exerce na subjetividade do narrador.

O “cosmopolitismo do pobre”

O Serginho de Ruffato é um típico representante do “Cosmopolitismo do pobre” – conceito cunhado por Silviano Santiago e que surgiu no contexto de um novo fluxo de imigração movido por questões econômicas, marcado pelas tensões entre culturas globalizadas e a valorização do local; pelo difícil equilíbrio entre o desejo de nacionalismo e a tendência para a assimilação homogeneizante; pela expansão dos meios de comunicação e inserção de novos discursos dissonantes daquele do pensamento eurocêntrico hegemônico. Como muito imigrantes, Serginho antes estava à margem no Brasil; mas seu deslocamento não o leva ao centro; numa apropriação do conceito de “entre-lugar”, podemos dizer que o personagem ocupa este espaço singular, fora do centro cultural-econômico tanto da sua terra natal como da Europa onde vive.

Silviano Santiago aponta para o surgimento de uma nova forma de “desigualdade social” que surge com os novos fluxos migratórios, motivados por razões econômicas e não étnicas ou nacionalistas. Na metrópole pós-moderna “o fluxo dos seus novos habitantes é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar os desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e que aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração.”⁶. Como o herói de Cataguases, os imigrantes pobres nas metrópoles pós-modernas se unem aos grupos étnicos e sociais economicamente desfavorecidos (ou socialmente “anacrônicos”, como os índios), formando essa desigualdade vinculada a uma nova forma de multiculturalismo, que engloba um processo de ‘desnacionalização do espaço urbano’.

⁶ SANTIAGO, 2000, p. 49

Entre-lugar e terceiro espaço

No Brasil, o cosmopolitismo é um desafio também para a construção do país enquanto comunidade imaginada, ou “nação”. Como Antonio Candido sinaliza⁷, citado em artigo de Renato Cordeiro Gomes, ainda nos debatemos na dialética do localismo e do cosmopolitismo. No entanto, a globalização e o avanço das redes de informação impulsionam a circulação de novos discursos.

Culturas antes à margem penetram nesse centro e abrem fissuras, fazendo circular novos discursos e criando um novo lugar – um entre-lugar, como conceitua Silviano Santiago. Uma concepção que, conforme aponta Renato Cordeiro Gomes⁸, está próxima do conceito de terceiro espaço formulado por Homi Bhabha. O intelectual sinaliza um movimento em que as narrativas legitimadoras de dominação cultural ainda baseadas na lógica binária centro /periferia hierarquizadora e eurocêntrica são deslocadas no contexto dessas novas cartografias para revelar um “terceiro espaço”.

Existindo num tempo heterogêneo e não sincrônico, marcado por tensões e negociações, o terceiro espaço é um entre-lugar em que coincidem diferentes momentos do tempo histórico. Ou, como diz Bhabha, a partir dele é possível pensar: “o ritual antropofágico da cultura latino americana”, aquele que se faz de “temporalidades disjuntivas, múltiplas e tensas, temporalidade de entre-lugar, que desestabiliza o significado da cultura nacional como homogênea, pois é uma cultura dividida no interior dela própria, articulando sua heterogeneidade e hibridismo.”⁹

Esse desfasamento temporal em relação aos antigos centros hegemônicos eurocêntricos de poder e conhecimento pode ser visto como vantagem, como algo de peculiar e precioso na cultura latino-americana, pois abre possibilidades para que absorvamos, embaralhemos e remontemos de forma antropofágica tradições diferentes das nossas – ressignificando essas tradições marginais na adição – e não assimilação – com as hegemônicas.

⁷ GOMES, Renato Cordeiro. “Cosmopolitismo em tempos midiáticos: um desafio contemporâneo”. Revista Novos Olhares. V. 3, n. 2. Acesso em julho de 2015

⁸ CANDIDO apud GOMES, 2015, p. 18.

⁹ BHABHA, 1998, p. 209

Conclusão

Para se pensar em uma ética do cosmopolitismo, como propõe Appiah, é necessário reconhecer a singularidade do outro, vendo-o não como ameaça nem como algo a ser canibalizado dentro da cultura dominante, mas como uma adição, um bônus. Exige a escuta e a incorporação da vivência, cultura e experiências da literatura, cultura, e arte das margens, da periferia. Appiah afirma, em entrevista publicada no Prosa & Verso, que “Levar a sério a arte de outra cultura fortalece uma ideia de comunidade global na qual todos são importantes. (APPIAH, 2013).

O que reforça, no contexto do Brasil, a importância de uma literatura marginal como a de Ferréz e Allan Rosas. Uma escrita que, segundo Paulo Tonani, recebe:

um tratamento distinto, indicando no exercício de representação literária um mecanismo de intervenção social que passa a ser concebido como uma representação igualmente política. (...) Ao se colocarem como as vozes ‘autênticas’ que representam ‘o grito do verdadeiro povo brasileiro’, os autores marginais acabam por problematizar o próprio lugar do intelectual, produzindo um importante questionamento acerca da atuação do intelectual frente às vozes periféricas que romperam a posição de objeto e agora figuram enquanto sujeitos discursivos.¹⁰

Uma escrita que surge das margens e tem o potencial de deslocar os centros de poder, introduzindo novos discursos. Discursos que dão voz própria à alteridade e impedem que esta seja abafada, pois agem como elementos com potência própria para fusão e transformação das tradições e do pensamento nacional, até então homogeneizante, elitista e eurocêntrico.

Referências Bibliográficas

APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitismo: A ética em um mundo de estrangeiros*. Buenos Aires; Madri: Katz, 2007.

BHABHA, Hommi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: editora Planeta, 2013.

GOMES, Renato Cordeiro. “Cosmopolitismo em tempos midiáticos: um desafio contemporâneo”. *Revista Novos Olhares*. V. 3, n. 2. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/90196/92907>. Acesso em: julho, 2015.

¹⁰ (PATROCÍNIO, 2013:19). Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira.

HALL, Stuart. "The Spectacle of the 'Other'," in Stuart Hall (Ed.) *Representations. Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage and The Open University, 1997.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

ROSA, Allan Santos da "Pérola" In: Ferréz (Org). *Literatura marginal – talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa – ensaios sobre questões político-culturais*. Org. CANDIDO, Antonio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. "Ética e diversidade cultural" [Cosmopolitismo e diversidade cultural] *Sabático. O Estado de São Paulo*, 03/09/2011, p. 2.

_____. *O cosmopolitismo do pobre – crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.